EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Por Carlos Costa

Perto de casa havia um prédio de esquina, de três andares, o Edifício Irene, que funcionava como república de estudantes, dada a proximidade da PUC e da Faculdade Santa Marcelina. Do lado oposto da esquina, um casarão abrigava um curso de idiomas. Na explosão imobiliária que toma conta das Perdizes, o casarão foi demolido enquanto o pequeno edifício passou por reforma que deixou apenas a estrutura, agora com amplas janelas envidraças e a inclusão de um elevador. No casarão derrubado uma placa anunciava: "futuramente, aqui, a casa de um grande artista". Instalou-se ali uma videolocadora, típico negócio em extinção, que logo mais dividiu espaço com uma farmácia e uma "academia seca". O predinho, equipado com elevador, virou livraria. Um refresco para o bairro, que há duas décadas abrigava uma dezena delas, quase todas fechadas para dar lugar a edifícios de "alto padrão".

Fui um dia à nova livraria em busca do livro *Istambul*, de Orhan Pamuk, para presentear. Perguntei à vendedora e a resposta foi que não tinham a obra. Aproveitei para olhar as estantes e ali encontrei o livro, editado pela Cia das Letras. Peguei o livro e paguei no caixa, lembrando outra cena, muitos anos atrás, numa livraria da Dom José de Barros: procurava *A Mãe*, do Máximo Gorki, e o rapaz indicou a seção de obras de psicologia ("Meu filho, meu tesouro" valeria um Gorki?).

Em contrapartida o novelo se desenrola e lembro de María Poscha, vendedora da Casa Piscitelli, templo de música clássica no centro de Buenos Aires (Calle San Martín, 450). Velhinha atenta, diversas vezes cheguei com um tema escutado no rádio, descrevia: "É um *lied* de Schubert, começa com um longo solo de clarineta introduzindo a soprano". Sem pestanejar ela apresenta um CD de Kathleen Battle, cuja última faixa é justamente *Der Hirt auf dem Felsen* – o pastor sobre a rocha. A Casa Piscitelli não tinha aparelhos para escuta, mas nem precisava: María Poscha conhecia o que vendia.

Essas lembranças introduzem a reflexão final desta edição: educação de qualidade. Na terceira semana de dezembro procurava canudinhos para rechear. Fui ao Extra da Brigadeiro Luís Antônio: os funcionários consultados nunca ouviram falar de canudinhos, indicavam o corredor 10, voltava, nova indicação displicente. Desistindo da busca, passei pela seção de pães e havia centenas de pacotes dos canudos para rechear. Peguei dois pacotes e fiz a solene apresentação ao rapaz que insistira que seriam canudos de metal.

Cenas parecidas com essas são cotidianas. Para pagar R$ 5,30 na padaria (2,10 + 3,20) dou um bilhete de R$ 20,00 e três moedas de R$ 0,10. A moça do caixa me olha com ar de espanto. Usa a calculadora para saber que 2,10 + 3,20 somam 5,30, devolve R$ 14,70 e ignora os 30 centavos com que tentara facilitar-lhe a vida.

Há pouco, almoçando com o amigo Farias e sua esposa Márcia, engenheiros químicos, fico sabendo que a Resolução 315 do Conama, de 2002, definindo um cronograma de limites de emissões a ser adotados há exatos dois anos (1º de janeiro de 2009) continua não sendo cumprida pela Petrobras e pelas montadoras de veículos (que teriam de produzir motores adaptados à exigência). Os ônibus das cidades do interior continuam utilizando diesel S-500, com alto índice de enxofre, muito acima do limite de 50 partículas por milhão (ppm) de enxofre (o diesel S-50), determinado pelo Conama. Na Europa os índices atuais são de S-10, cinco vezes menor. A Petrobras, preocupada em patrocinar cinema, investe pouco em desenvolvimento tecnológico para reduzir poluentes. Nosso padrão está próximo ao africano, como já disse o ecologista Fabio Feldman. No entanto, "Nesse período, a Petrobras não aguardou inerte", afirma o site da estatal.

Temos o problema do lixo: a cidade de São Paulo produz mensalmente 293,9 mil toneladas de detritos. Desse total, apenas 3.135 toneladas são recicladas, algo como 1%. Enquanto isso, dissertações de mestrado repetem estudos de uso de energia solar, já patenteados lá fora. A contribuição da universidade para a solução de nossos problemas é pífia. Nem temos um projeto, como o da China, de aumentar exponencialmente o número de engenheiros para diminuir a dependência que tem de insumos de alta tecnologia, hoje importados do Japão, Coreia e Taiwan, como se leu na *Getulio* de novembro, na entrevista com o embaixador Qiu Xiaoqi. A política nacional vive de solucionar picuinhas, administrar o varejo, não pensa grande e nem tem propostas concretas para tantos problemas.

E a livraria instalada na antiga república do Edifício Irene? Fechou, passou por nova reforma, abrigou uma loja de roupa feminina, a Montag, voltou a fechar, sofreu novas obras e reabriu como O Zé do Hamburger. Vive lotado e tem serviço de valet.

FIM